

## **Efeitos duradouros da ruptura sino-soviética**

Lui Martinez Laskowski

As relações entre a União Soviética e a China se aproximaram gradualmente entre a Revolução de 1949 e o Plano Quinquenal de 1953. A aproximação foi inicialmente marcada pelo envio de armas soviéticas aos revolucionários chineses, auxílio soviético ao novo regime em caso de invasão japonesa e transferências territoriais. A partir de 1954, sob Krushev, a relação se salpicou de desacordos, tensões e desgostos pessoais entre os líderes dos dois países.

Estes desacordos se mantiveram contidos até 1956 por meio de acordos comerciais e de auxílio e transferência de tecnologia, embora os Partidos discordassem em sua interpretação da ideologia comunista e, especialmente, nos pontos levantados por Krushev em seu esforço de desestalinização da URSS. Quando a administração de Krushev buscou a “coexistência pacífica” com o Ocidente, seguida da Revolução Húngara de 1956, a discordância se somou ao medo de que a República Popular da China fosse internacionalmente isolada. A situação continuou a se deteriorar em outras litigiosidades regionais, como na crença chinesa de que a URSS buscava o controle militar sobre a costa da RPC e outras discordâncias oriundas já do *status* diferenciado da RPC no mundo socialista, como governo resistente à influência direta de Moscou.

Na década de 1960 as relações se deterioraram ainda mais, incluindo mesmo a quebra de relações diplomáticas entre os países do Pacto de Varsóvia e a RPC (após a acusação chinesa de contrarrevolução e restabelecimento do capitalismo na União Soviética em meio às discordâncias interpretativas e ideológicas entre os países, escaramuças fronteiriças em 1969 e o medo de uma China nuclear. Na virada da década de 1970 a rivalidade continuava, fortalecida pelas disputas entre as correntes ideológicas russa e chinesa nos partidos comunistas de países do Terceiro Mundo e pelos ecos da Revolução Cultural, que causou forte rejeição da liderança soviética em alguns de seus efeitos.

A liderança de Deng Xiaoping, após a morte de Mao, representou uma mudança de prioridades da administração chinesa. Sua liderança pragmática buscou corrigir os rumos da Revolução e reforçar a legitimidade do Partido diante do caos socioeconômico da Revolução Cultural, e abriu caminho não apenas ao desenvolvimento interno e das capacidades materiais chinesas como país exportador e credor, mas à aproximação com os Estados Unidos durante

as décadas de 1970 e 1980. Essa aproximação efetivamente colocou a RPC numa posição de beneficiária cujos efeitos ainda são sentidos em peso.

No início da década, conforme a China se aproximava dos Estados Unidos, a URSS se aproximou da Índia, buscando constituir ali um bastião anti-chinês em sua projeção de poder ao sudoeste e sul asiáticos. Este período de diplomacia cruzada marcou a Guerra Fria eurasiática até 1980, quando uma série de fenômenos modificou novamente o *status quo* e levou ao fim da União Soviética. É importante notar, porém, que esta diplomacia cruzada, ou a “diplomacia triangular” entre China, Estados Unidos e União Soviética é um estado de coisas analisado em retrospecto, visto que os atores envolvidos não viam, subjetivamente, um triângulo ou cruzamento de interesses indianos e americanos em suas relações regionais.

Entre 1985 e 1990 as relações sino-russas se tornaram menos tensas, e a visita de Gorbachev a Deng simbolizou um período de reaproximação culminado em seu tratado de amizade de 2001.

A ruptura, especialmente durante a liderança de Deng, estabeleceu um estado de coisas chinês que não era diretamente ameaçado pelas reformas e escolhas soviéticas. Enquanto Gorbachev implementava suas *glasnost* e *perestroika*, as reformas que fugiram de seu controle e levaram ao fim da União, Deng empreendia esforços para restabelecer a legitimidade e centralidade do Partido Comunista Chinês e para garantir os caminhos de suas reformas - ainda que não sem contradições, como na repressão na Praça da Paz Celestial. Enquanto as reformas soviéticas fugiam ao controle do Kremlin e desembocavam no desastre do período Yeltsin, o controle de Zhongnanhai se fortalecia, garantindo reformas bem direcionadas e a própria capitalização de uma posição de beneficiário de um sistema em transição.

Beijing, inequivocamente governo de um país subdesenvolvido com contradições sociais significativas, diante da Ruptura, não dependia do apoio militar soviético da mesma forma que as repúblicas socialistas menores para garantir sua segurança externa e sua estabilidade política interna. Além disso, os caminhos diferentes tomados - o stalinismo prolongado de Mao e o pragmatismo inovador de Deng - permitiram a continuidade da China como um país socialista de rumos retificados durante as duas últimas décadas do século XX.

Nesse contexto - de independência ante as falhas do Kremlin e de aproximação com os EUA que lhe permitiu uma base mais sólida para o desenvolvimento das décadas seguintes - é importante destacar que a China foi a grande beneficiada pelo colapso soviético, ao menos na

região. O colapso da URSS, além de acabar com as tensões sino-russas, foi importante também para diminuir as tensões que eram padrão em todo o leste e sudeste asiático, e consequentemente fazer ruir os muros da guerra fria que dividiam a região. Um dos efeitos disso é que a China conseguiu se aproximar dos países da ASEAN e liderar os processos de integração econômica que vigem na região.

As ações chinesas de projeção de poder no pós-Guerra Fria incluíram a criação dos Cinco de Xangai, em 1996, que se tornaram a Organização para Cooperação de Xangai (OCX). A organização inicialmente se focou no combate aos três males (fundamentalismo, terrorismo e separatismo) da região - mas logo incluiu a cooperação em diversas áreas, inclusive como um bloco securitário em geral e de cooperação econômica.

A Ruptura e a liderança de Deng nas décadas de 1970 e 1980, portanto, permitiram à China o espaço político e econômico para que pudesse empreender suas reformas de desenvolvimento, legitimidade e base para posterior elevação como liderança asiática econômica e militar - nesse último aspecto incluindo extensas compras militares da Federação Russa, permitindo-lhe “queimar etapas” em seu desenvolvimento militar terrestre e aeronaval e resgatar uma destituída economia russa - um cenário de ganhos mútuos que é emblemático do modelo chinês de liderança regional, focado em coexistência pacífica e desenvolvimento mútuo.